



ENUNCIAÇÃO BENVENISTIANA: PRINCÍPIOS E PROCEDIMENTOS

BENVENISTIAN ENUNCIATION: PRINCIPLES AND PROCEDURES

Adson Luan Duarte Vilasboas Seba (PPGL/UNEMAT-Cáceres)
adson.seba@unemat.br

Vera Lúcia Conceição da Silva (PPGL/UNEMAT-Cáceres)
vera.lucia.silva@unemat.br

Geralda Iris de Oliveira (PPGL/UNEMAT-Cáceres)
iris.oliveira@unemat.br

Gislaine Cristina da Silva (PPGL/UNEMAT-Cáceres)
gislaine.silva@unemat.br

Flaviane Leite da Silva Cassia (PPGL/UNEMAT-Cáceres)
flaviane.cassia@unemat.br

Solange Aparecida Benacchio (PPGL/UNEMAT-Cáceres)
solange.benacchio@unemat.br

RESUMO: Este ensaio teórico tem por objetivo discutir as principais contribuições do conceito de “enunciação” proposto por Benveniste nos estudos linguísticos. Para tanto, explicitaremos as diferenças entre o pensamento do autor e linguística saussuriana. Por conseguinte, destacaremos que estudar a linguagem pelo viés de uma teoria da enunciação é estudá-la do ponto de vista semântico, uma vez que o núcleo de qualquer teoria enunciativa sempre é o sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Benveniste. Enunciação. Sentidos. Língua.

ABSTRACT: This theoretical essay aims to discuss the main contributions of the concept of “enunciation” proposed by Benveniste in his linguistic studies. Therefore, we will explain the differences between the author's thinking and Saussurean linguistics. Thus, we will emphasize that to study language from the perspective of a theory of enunciation is to study it from a semantic point of view, since the core of any enunciative theory is always the sense.

KEYWORDS: Benveniste. Enunciation. Meaning. Language.

Émile Benveniste (1902 – 1976) foi um dos expoentes no campo dos estudos linguísticos. O cientista da linguagem estudou na Universidade Sorbonne com Antoine Meillet, ex-aluno de Saussure — pai da linguística moderna. Em sua carreira, lecionou na Escola Prática de Estudos Superiores em 1927 e, posteriormente, trabalhou no *Collège de France* como professor de linguística. Em seus estudos, o autor defendeu que “[...] a

enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1995, p. 82).

O autor é mundialmente reconhecido por suas pesquisas relacionadas às línguas indo-europeias e, sobretudo, pela expansão do paradigma linguístico cunhado por Ferdinand de Saussure. Os estudos da linguagem, frequentemente, o apresentam como “pai” das teorias da enunciação, ainda que o interesse dos linguistas pelos problemas enunciativos remonte aos anos de 1910 a 1920, na Europa, com Charles Bally e, na Rússia, com Mikhail Bakhtin.

No início, suas pesquisas foram difundidas apenas em um pequeno círculo acadêmico, devido ao caráter altamente técnico e especializado de suas produções. Entretanto, após a publicação de sua principal obra “Problemas de Linguística Geral”, dividida em volume I (1966) e volume II (1974), suas ideias foram difundidas ao redor do mundo. A produção é composta por uma seleção de vários artigos escritos pelo autor ao longo de mais de vinte e cinco anos.

As obras do autor elucidam um aspecto intrínseco à língua: a enunciação. Benveniste aponta que, para além da análise do sistema linguístico, o cientista da linguagem deve levar em consideração os fenômenos da enunciação. O conceito de enunciação é, no contexto teórico do autor, uma expressiva tentativa de ultrapassar os limites estruturalistas assegurados pelo corte Saussuriano. Benveniste foi inovador ao ser o primeiro linguista a amadurecer uma teoria linguística que articulasse as dimensões de sujeito e de discurso, a partir das contribuições de Saussure.

Para Benveniste, o linguista deve se apoiar na língua considerando os fatos reais, ou seja, o estudo da língua deve ser baseado nas línguas vivas, em funcionamento. Segundo o autor, é apenas pelos estudos desses organismos — as línguas — empíricos, históricos, que é possível a compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem. De modo geral, o autor sugere que, para estudar o funcionamento da linguagem, deve-se estudar as línguas reais.

Diferente de Saussure, que apresentou a língua como objeto de estudos da linguística, Benveniste propõe um duplo objeto: a linguagem e as línguas. No que diz respeito à linguagem enquanto objeto de estudos da linguística, ele afirma que esta é uma

faculdade humana, característica universal e imutável do homem, diferindo-se das línguas, sendo estas particulares e variáveis nas quais se realiza a linguagem.

De modo geral, é das línguas que se ocupa o linguista e a linguística é, em primeiro lugar, a teoria das línguas. Para ele, a linguística ocidental nasceu na filosofia grega. Mas, o interesse destes pensadores era estritamente filosófico, uma vez que raciocinavam sobre sua condição original. Por muito tempo, a língua foi concebida como objeto de especulação — e não de observação — por influência dos estudos filosóficos. Eles se questionavam: a língua é natural ou convencional?

A mudança do ponto de vista em relação à língua se deu apenas no século XVIII, quando, segundo Benveniste, foi inaugurada a fase dos estudos históricos, motivada pela descoberta de uma relação de parentesco entre as várias línguas na Europa. Elabora-se, portanto, a linguística dentro dos quadros da gramática comparada com métodos rigorosos. Ademais, é justamente nesse período que é formulada a hipótese do indo-europeu. Essa forma de investigar perdurou-se até o século XX, até mesmo após a proposta de estudos sincrônicos de Saussure.

Pouco a pouco, o ponto de vista do estudo muda. Os linguistas tomam consciência da tarefa que lhes cabe: estudar ou descrever por meio de uma técnica adequada, a realidade linguística atual sem misturar nenhum pressuposto histórico e comparativo. No lugar de se estudar a gênese da língua, a proposta é investigar o funcionamento desse sistema. Isto é, estudar a língua por ela mesma e por si mesma. Nessa ótica, a língua forma um sistema e isto vale para qualquer língua que se estude. Da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de sons, pois a língua é um arranjo sistemático de partes.

Ao investigar o funcionamento do sistema linguístico, Benveniste (1995, p. 222) toma a linguagem como meio de garantir ao homem condições para sua constituição como sujeito para o exercício intersubjetivo, possibilitado pelo uso da língua. Ou seja, o autor sublinha os aspectos alteritários da linguagem e sua inerência à natureza humana afirmando que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver.”

O autor traz um questionamento que se refere a um senso popular sobre linguagem, e nos leva a entender que a linguagem não é simplesmente um instrumento de comunicação, antes, ela é inerente ao homem, pois, para ele a linguagem está na natureza

do homem, que não a fabricou. Ou seja, Benveniste — diferente de Saussure — não entende a linguagem como um instrumento de comunicação, uma vez que o homem pode construir um instrumento, porém não pode construir a linguagem. As observações de Benveniste, no Tomo 1 e 2 de Problemas de Linguística Geral, explicitaram o fenômeno da enunciação, que aponta os elementos indissociáveis e imprescindíveis à constituição subjetiva: língua/linguagem e subjetividade/intersubjetividade. Segundo o linguista, “a ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como sujeito” (2005, p. 286).

O “pai das teorias enunciativas” discorre também sobre a importância da subjetividade na linguagem, ao reconhecer a universalidade dos pronomes pessoais e da temporalidade usada nos discursos, ele revela que a subjetividade é inerente ao exercício da linguagem. Isto é apresentado em sua teoria a partir das discussões dos termos “eu” e “tu” que, para ele, não podem ser tomados como figuras, mas como formas linguísticas que indicam a pessoa do discurso.

A abordagem enunciativa da linguagem implica, também, uma teoria do sujeito, já que são suas marcas de inscrição no enunciado que constituem o objeto do trabalho do linguista. Dessa forma, estudar a linguagem pelo viés de uma teoria da enunciação é estudá-la do ponto de vista semântico, uma vez que o núcleo de qualquer teoria enunciativa sempre é o sentido. Nessa perspectiva, ao considerar a enunciação, o linguista pode investigar todo o mecanismo linguístico cuja realização integra seu próprio sentido e que se auto referência no uso que o sujeito faz da língua.

Sendo assim, a enunciação para Benveniste é um acontecimento irrepetível, haja vista serem irrepetíveis as condições de tempo, espaço e pessoa de cada enunciação. Em contrapartida, o enunciado é repetível, pois ele pode surgir diversas vezes. Por exemplo, o enunciado “O bebê está acordado” é da ordem do repetível, pois ele pode aparecer quantas vezes o locutor desejar. Porém, o tempo presente da enunciação no que se refere ao qual se define o tempo presente do verbo é sempre único a cada vez que o enunciado é proferido.

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz, em primeiro lugar, o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. À luz da teoria da enunciação

benvenistiana, a língua antes da enunciação é somente possibilidade da língua. Após a enunciação, a língua passa para a instância do discurso. Dentre os assuntos pertinentes à teoria da enunciação, a natureza dos pronomes é enfatizada por Benveniste. O autor sustenta que os pronomes são fatos de linguagem, sendo assim, o problema dos pronomes, em primeiro lugar, é um problema de linguagem, e que por sê-lo, é um problema de línguas.

Os pronomes não formam uma classe unitária, mas tipos distintos conforme o modo de linguagem do qual são os signos. Portanto, uns pertencem à sintaxe da língua, outros são característicos do que são “instâncias do discurso”, ou seja, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor. Deve considerar-se, a situação dos pronomes pessoais. Não é suficiente distingui-los uns dos outros por uma denominação que os separe (BENVENISTE, 1991).

Nessa conjuntura, a definição pode, então, precisar-se assim: *eu* é o “indivíduo que anuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*”. Consequentemente, introduzindo-se a situação de “alocução”, obtém-se uma definição simétrica para *tu*, como o “indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância linguística *tu*”. Essas definições visam *eu* e *tu* como uma categoria da linguagem e se relacionam com sua posição na linguagem. O fato é “que [...] nenhum dos dois termos (*eu* e *tu*) se concebe sem o outro; são complementares [...].” (BENVENISTE, 1991, p. 286). Isto é, o *eu* existe por oposição ao *tu* e é a condição do diálogo que é constitutivo da pessoa porque ela se constrói na reversibilidade dos papéis *eu/tu*.

O linguista francês questiona, portanto, “qual é a “realidade” à qual se refere *eu* ou *tu*?” (1991, p. 2278). A partir dessa indagação, ele elucida que há “unicamente uma ‘realidade do discurso’, sendo algo muito singular. *Eu* só pode definir-se em termos de ‘locução’, não sem termos objetos, como signo nominal. *Eu* significa ‘a pessoa que enuncia a presente instância de discurso que contém *eu*’”. (BENVENISTE, 1991, p. 278).

Logo, *Eu* e *tu* não apresentam pluralização simples e regular como *ele*. Nós não é simplesmente a soma de vários *eus*, mas a união de um *eu* a outra pessoa do discurso. Nesse caso, há alternância de forma e de significação, por exemplo, no caso de *ele*, a

formação do plural é regular, com o acréscimo do ‘s’, e reflete mais de um (KOELLING, 2003).

Nessa direção, de acordo com Benveniste (1991, p. 282), a “terceira pessoa” representa o membro não marcado da correlação de pessoa, sendo que “a não-pessoa é o único modo de enunciação possível para as instâncias de discurso que não devam remeter a elas mesmas, mas que predicam o processo de *não importa quem* ou *não importa o que*, exceto a própria instância, podendo sempre esse *não importa o que* ser munido de uma referência objetiva.”

Podemos compreender melhor o sistema de pessoas na língua, observando a figura abaixo.

Figura 01



Fonte: Elaborado com base nas informações do vídeo: Enunciação (2) – A categoria de Pessoa¹

A partir da figura, percebemos que os elementos dêiticos somente adquirem sentido em virtude de sua relação intrínseca com o contexto de fala, que se manifesta em torno do enunciador. Em seu vídeo, Fiorin (2012), baseado na enunciação benvenistiana, advoga que há três categorias enunciativas no discurso: pessoa, espaço e tempo (ego, ich e nunc), que ocorrem por meio de um mecanismo chamado de debreagem. Na verdade, os mecanismos de instauração e neutralização de pessoas, espaços e tempos no enunciado são dois: a debreagem e a embreagem. Sendo que a debreagem pode se enunciativa ou enunciva, como é apresentada na figura abaixo.

¹ Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Htrw8tTmigY>

Figura 02



Fonte: Elaborado com base nas informações do vídeo: Enunciação (2) – A categoria de Pessoa

A debreagem actancial é quando se instaura a pessoa no discurso. Refere-se à projeção, no enunciado, dos actantes da enunciação eu (que fala) e tu (para quem se fala). Entretanto, ela também pode instaurar o tempo (debreagem de tempo) e o espaço (debreagem de espaço). Em outras palavras, a debreagem tem como princípio no enunciado estabelecer o eu, o aqui e o agora (ego, hic e nunc). Quando esses elementos (eu, aqui e o agora) não estão presentes, dando lugar a outros que são um não-eu (ele), um não-aqui (alhures) e um não-agora (então), tem-se um texto enuncivo, a partir de uma debreagem enunciva.

Fiorin também apresenta e discute o outro mecanismo, que neutraliza as categorias de pessoa (actancial), de tempo e de espaço: a embreagem. Este mecanismo possibilita um intenso trabalho de trocas devido a sua carga de subjetividade determinada pela ligação à enunciação. No caso da categoria de pessoa, a embreagem permite que qualquer pessoa seja utilizada no lugar de outra, o que cria efeitos de objetividade e subjetividade. O autor explica isso afirmando que quando se usa uma terceira pessoa no lugar de uma segunda, é como se o interlocutor não falasse com o interlocutário, mas com outros sobre ele. Dessa forma, a instância do tu é desreferencializada.

Nesse contexto, Benveniste, em seus estudos sobre a enunciação, não tinha a intenção de construir uma teoria do sujeito, uma vez que se preocupava com o processo de significação dos enunciados. Entretanto, com base nas discussões aqui tecidas é pertinente destacar que uma de suas maiores contribuições para a linguística moderna é o



reconhecimento da subjetividade e a sua relação com a língua (gem), sendo impossível, quando se estuda a linguagem e o sentido, desvinculá-la do processo de significação.

Referências

- BENVENISTE ON-LINE. **Biografia de Benveniste.** Disponível em: <<https://bit.ly/3tI1HWn>>. Acessado em: 14-09-2021.
- BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: _____. **Problemas de linguística geral I.** 3a ed. Campinas: Pontes, 1991.
- BENVENISTE, Émile. Da subjetividade da linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral I.** 3a ed. Campinas: Pontes, 1956/1991.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I.** 5. ed. trad. Maria Glória Novak e Luiza Néri. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II.** trad. Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1989.
- Enunciação (1) - Conceito de enunciação: TV Cultura, 2011. 1 vídeo (30:34 min). Disponível em <https://youtu.be/RQzJaFYiqhc>. Acesso em: 10 set. 2021.
- Enunciação (2) – A categoria de Pessoa: TV Cultura, 2011. 1 vídeo (29:54 min). Disponível em <https://youtu.be/Htrw8tTmigY>. Acesso em: 10 set. 2021.
- FIORIN, J. L. **A pessoa desdobrada.** São Paulo: Alfa, v. 39, p.23-44, 1995
- KOELLING, Sandra Beatriz. **Os dêiticos e a enunciação.** Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 1, n. 1, agosto de 2003.